

ENGANOS GEOGRÁFICOS

Daniela Corrêa Siqueira
dani_csiq@hotmail.com

Viviane Cid/UFF
vivianecid@id.uff.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo relatar as experiências com dispositivos nas práticas de cinema de grupo com professores, do laboratório Kumã, investigando especificamente os processos criativos desencadeados pela pedagogia do dispositivo e pelos atravessamentos artísticos, pedagógicos e clínicos com os quais o grupo se depara no decorrer dos encontros e para além deles. Para tal, apresentarmos um conjunto de dispositivos feitos até chegarmos no dispositivo intitulado: *engano geográfico*.

Palavras-chave: dispositivo; cinema de grupo, engano geográfico.

*A arte é como uma entidade que quer baixar,
tem que ter responsabilidade e sensibilidade
para saber o que ela quer e aonde quer ir.¹*

(Cao Guimarães)

Introdução

Este trabalho se propõe a relatar e percorrer caminhos nos quais sensibilidade se faz ainda mais importante que responsabilidade para compreender os processos subjetivos decorrentes das experiências de Cinema de grupo, que são desencadeadas pela *pedagogia do dispositivo*². Promovido desde 2018 pelo projeto de extensão do laboratório Kumã³ – projeto de extensão do Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Imagem e Som do Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense (UFF)⁴ – coordenado pelos professores Cezar Migliorin e Douglas Resende, o Cinema de grupo se trata de encontros semanais que envolvem práticas associadas ao cinema, à educação e à clínica. Os integrantes dos grupos participam dos processos criativos coletivos desencadeados pela *pedagogia do*

¹ Citação retirada da fala de Cao Guimarães no terceiro encontro do curso Cinema e clínica: a criação entre a arte e os processos subjetivos, promovido pelo departamento de Cinema, PPGCine e pelo Lab. Kumã – UFF no dia 4 de novembro de 2021.

² A pedagogia do dispositivo está sendo desenvolvida através de projetos que tem como base experiências coletivas dinamizadas por dispositivos – desafios com regras comuns pautadas em simples aspectos cinematográficos – que colocam sujeitos e o mundo em interação de construção a partir de atos inventivos e de sensibilização que fogem dos caminhos pré-estabelecidos (Migliorin; Pipano, 2019).

³ O nome Kumã, vem dos escritos do antropólogo Viveiros de Castro a partir dos indígenas Yawalapiti em que Kumã é um modificador, uma forma dentre muitas de colocar que as palavras não dão conta da realidade (Migliorin, 2015).

⁴ Desde 2011, o Laboratório existe como consequência de uma parceria entre a Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu e o Departamento de Cinema e Vídeo da UFF (Migliorin, 2015).

dispositivo, que consiste em utilizar elementos do cinema (imagem, som, escrita, entre outros) como disparadores de experimentações criativas. Mas como lidar com processos subjetivos e sabermos exatamente aonde vamos chegar? Não sabemos! Todavia, propomos caminhos em relação a essas subjetividades, trazendo experiências já vividas com dispositivos. Essas vivências vêm dos encontros de cinema de grupo durante a atuação na coordenação⁵ de Cinema de Grupo com professores, em 2021, na época éramos três na coordenação: Viviane Cid, Daniela Siqueira e Iulik Farias.

Os encontros semanais ocorriam as quartas-feiras, já estávamos no vigésimo encontro quando percebemos que um território no qual era possível experimentar e criar juntos, estava estabelecido como grupo, pois, os deslocamentos do “eu” e a criação desse lugar comum onde desabrochava outras formas de ver, pensar e ser nos levava a olhar de outra forma para as imagens. Ou seja, ocorria ao mesmo tempo um territorialização e uma desterritorialização. Migliorin, em *Cinema e clínica: a criação em processos subjetivos e artísticos* (2022), nos fala desses acontecimentos desterritorializantes afirmando que:

Primeiramente, esses acontecimentos desterritorializantes podem vir de lugares em que nos colocamos disponíveis para uma experiência sensível: um encontro com uma pessoa ou com uma cultura; uma vivência com as artes, com um filme, com uma música; uma paixão ou uma solidão e mesmo um evento traumático, como a perda de uma pessoa⁶ (MIGLIORIN, 2022, p. 107).

Isso acontecia conosco, no grupo de quarta através do Cinema de grupo, criávamos e experimentávamos, ou seja, estávamos inseridos em processos criativos e terapêuticos⁷, disparados pelos dispositivos do cinema, sobretudo imagem e som. Na verdade, a experimentação com dispositivos de cinema suscita processos artísticos e subjetivos que rompem com o automático e nos levam a descobrir outras vivências.

Os dispositivos

⁵ Coordenar grupos de criação – cinema de grupo – é um trabalho que em si não tem outra formação possível além do próprio trabalho em grupos, como participantes, primeiramente, e depois como coordenadores (Migliorin, 2022).

⁶ Trecho retirado do final do capítulo intitulado “Do que somos feitos?” no qual Migliorin nos demonstra que “três pontos, atravessados pela desterritorialização, são importantes para nos aproximarmos desses acontecimentos que tiram o território como referência e produzem rachaduras em nossas engenharias corporais laboriosamente construídas para que possamos entender o que significa dizer “eu” quando dizemos “eu” (MIGLIORIN, 2022, p. 40), citamos em parte o primeiro ponto.

⁷ Os processos terapêuticos no Cinema de grupo têm a ver com os acompanhamentos desempenhados pelos dispositivos ou pelos coordenadores de grupo, no caso dos dispositivos, eles operam como “um mobilizador de uma atenção singular e especial durante a semana, um desfuncionalizador do cotidiano, um disparador de possibilidades de desvios inventivos, um interventor na vida social, uma linha estendida ao outro” (Migliorin, 2020, p. 33)

Traremos para o debate três dispositivos desencadeadores de processos criativos e subjetivos que utilizamos com o grupo, alguns deles adaptados do *Cadernos do Inventar*⁸, outros criados pelos participante, mas todos baseados na *pedagogia do dispositivo* que consiste em:

1) Trabalhar com os gestos mínimos do cinema sem a necessidade de uma “cultura cinematográfica” - um dispositivo 2) ver juntos o que foi produzido por quem participa sem identificar quem fez cada imagem, 3) partir das imagens e dos sons e não do texto, 4) fazer do cinema um artifício relacional com o outro, com a cidade ou com a própria tecnologia, em diálogo com toda uma tradição do documentário, 5) filmar sem temas, mas com desafios formais e de relação, 6) estar aberto ao acaso⁹ (MIGLIORIN, 2020, p. 152).

No vigésimo encontro propomos ao grupo, começarmos escutando as narrativas oriundas do desafio de narrar o vento com elementos do absurdo e nos deparamos com a questão do tempo. Será que o tempo voa como vento? Quanto de absurdo cabe em um minuto? Veio o desejo de falar um pouco mais, de expressar o absurdo que existe em mínimos detalhes, seja nas purpurinas, ou no canto de um humano que vira pássaro. O vento que atravessa frestas, entrando e saindo de potências onde conexões se fazem para o além do absurdo. Mas seria um absurdo se questionar se as imagens se bastam? Em que momento a imagem em si basta para construir uma balança entre o que é narrado e visto? Seguimos para os vídeos do vento que nos fizeram pensar sobre o quanto podemos potencializar o verbo inventar se partimos de um disparador que impõe certa quebra. Provocar a interrupção do automático e lidar justamente com isso era desafiador. O corte era a pausa que queria a imagem. Partirmos do vento para com a narrativa do absurdo chegar em outro local, momento, sentimento. As imagens foram apenas o ponto inicial, as narrativas descolaram destas para seguirem livres preenchendo nosso encontro.

Resolvemos começar a brincar de cartografar um trajeto para o outro. E neste dispositivo tivemos dois momentos, o primeiro de montar os mapas e um segundo de filmar o trajeto que o outro te apresentará, ou seja, nosso dispositivo consistia em:

Dispositivo 1¹⁰

Primeiro momento:

⁸ Durante os encontros, muitos dos dispositivos que fazemos são tirados ou adaptados do *Cadernos do Inventar: cinema, educação e direitos humanos* (2016) ou então criados na hora do encontro, pelo grupo.

⁹ MIGLIORIN, Cezar. et al. Cinema de grupo, notas de uma prática entre educação e cuidado. *Revista GEMInIS*, v. 11, n. 2, p. 149-164, mai./ago. 2020.

¹⁰ Os mapas e vídeos produzidos estão disponíveis em: https://drive.google.com/drive/folders/1NdykhybIK_f6035qDPVm_TakXgslmno?usp=sharing

- Mandar o link do Google maps da região por onde costuma passar (o quanto antes).
- Você irá receber o mapa de outra pessoa e irá marcar o trajeto por onde essa pessoa vai passar. (Enviar via Whatsapp para Viviane)

Segundo momento:

- Você receberá o seu mapa da sua região de volta com o trajeto marcado.
- E terá que produzir um vídeo de até 1 minuto/ sem som / fora do ângulo óptico humano disparado pelo trajeto que recebeu.

No encontro seguinte brincamos ao escolher a rota para outro, vagamos no percurso que nos foi apresentado. Vimos os vídeos dos trajetos e percebemos que filmar o trajeto é mais que reabilitá-lo, implica em construir um novo caminho que só existe naquele momento exato em que a câmera toca o mundo. Mas o trajeto reexistiu depois, ao assistirmos juntos. Foi divertido caminhar por um mapa marcado pelo outro. Não queríamos deixar aquele percurso-presente, por isso, decidimos voltar a experimentar a mesma rota para colher outras imagens mobilizadas pela ideia de “engano geográfico”, nosso próximo dispositivo era:

Dispositivo 2¹¹

- voltar ao percurso que recebeu;
- tirar 3 fotos mobilizadas pela ideia de “engano geográfico”
- Indicar a sequência das fotos (foto 1, foto 2, foto 3).

O encontro seguinte foi repleto de "adoráveis enganos", enganos geográficos, ilusórios, de erros e acertos criativos. Começamos vendo as fotos produzidas durante a semana, os enganos geográficos que se modificam conforme o olhar. Foram detalhes do fora de lugar, um corpo que vê diferente, a inversão que mais parecia um reflexo do real, texturas que se misturam com luz e a foto que mais parecia uma pintura. Continuamos experimentando esse engano com o poema de Marília Garcia, tendo como primeiro gesto o “apagar” das palavras para em seguida acrescentarmos outras numa mistura coletiva de enganos criativos transformamos juntos o texto.

Começamos a leitura coletiva quando percebemos que nos enganamos apagando grande parte do texto, esse foi um engano divertido, uma brincadeira do acaso, que foi revertida com o rápido gesto de recuperar o texto. Com tantos adoráveis enganos foi acertado para o próximo encontro: filmar um verbo.

¹¹ As fotos e o texto estão disponíveis em: <https://docs.google.com/document/d/1vZkv5DJEzks5Jp9BmJrq0qiNae8S4zXRT9enXojjDI8/edit?usp=sharing>

Dispositivo 3¹²

- Revisitar o texto criado e escolher um trecho de 4 linhas
- Tirar um verbo do trecho
- Filmar uma ação mobilizada pelo verbo escolhido.

Conclusão

As práticas de cinema de grupo são encontros que promovem a possibilidade de refletir sobre cinema e outras artes, por meio de um processo de experimentação criativa, no qual docentes e não docentes podem interagir através de um olhar coletivo e serem atravessados por assuntos que vão muito além da sala de aula, possibilitando novas relações com esses espaços e suas práticas pedagógicas, a partir de novos ângulos, do olhar do outro e do grupo. Dentro do processo pelo qual esse grupo estava passando, os participantes desenvolveram, de maneira coletiva, uma proposta de dispositivo que buscava através da cartografia, traçar lugares que se tornaram “divertidos enganos geográficos”. Relatar essas experiências é mais do que dividir vivências. É pensar juntos os dispositivos, as imagens, as linguagens e os processos subjetivos que lhes dão origem e sustentação.

Referências

- MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente Cinema**: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.
- MIGLIORIN, Cezar. et al. **Cadernos do Inventar**: cinema, educação e direitos humanos. Niterói (RJ): EDG, 2016.
- MIGLIORIN, Cezar; Pipano, Isaac. **Cinema de Brincar**. Belo Horizonte: Relicário, 2019.
- MIGLIORIN, Cezar. Cinema e clínica: notas com uma prática. **Revista Metamorfose**, v. 4, n.4, p.31- 46, 2020.
- MIGLIORIN, Cezar. et al. Cinema de grupo, notas de uma prática entre educação e cuidado. **Revista GEMInIS**, v. 11, n. 2, p. 149-164, mai./ago. 2020.
- MIGLIORIN, Cezar. **Cinema e clínica**: a criação em processos subjetivos e artísticos. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2022

¹² Os vídeos estão disponíveis em: <https://drive.google.com/drive/folders/16p4J0ieJcua4GKyrhb6rTaUHOS-GHQKP8?usp=sharing>